

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Costurando vidas: Os itinerários das professoras Ana Aurora do Amaral Lisboa (1860-1951) e Júlia Malvina Hailliot Tavares (1866-1939)¹

Carlos Gilberto Pereira Dias

No livro *Nas Margens* a historiadora Natalie Zemon Davis², entrecruza a vida de três mulheres que viveram no século XVII. Ao longo deste trabalho, a autora “aprendeu” com suas semelhanças e diferenças. Diz ela: “Eu quis mostrar seus pontos em comum e suas disparidades sobre si mesmas e o que [...] fizeram. Quis mostrar como se distinguiam dos homens de seu mundo e como se assemelhavam.” (DAVIS, 1997, p. 12).

As trajetórias de Ana Aurora do Amaral Lisboa e Julia Malvina Hailliot Tavares encontra paralelo com as vidas das três mulheres descritas por Davis. Este exemplo inspirou-me a perseguir e “aprender” com estas duas professoras que, embora não vivam mais, nos deixaram lembranças, retratos, cartas, diários, etc., afinal, uma vida não se constrói apenas no tempo biológico de uma existência.

O cruzamento dessas trajetórias colabora para compreendermos que mesmo diante das limitações impostas pelo contexto, as duas personagens encontram um *campo de possibilidades* para realizar seus *projetos* e esta prática “tensa” traduz-se, sobretudo, numa reação, numa resistência tolerante à época em que suas trajetórias se desenrolam. Por outro lado, repensar os estudos sobre a “escrita de si”, observando o alcance e os limites de tal enfoque, nos leva a compreender as ambigüidades que permeiam nossas vidas.

A discussão da problemática teórica esboçada neste estudo prioriza a análise dos estudos recentes referentes à **biografia**, que tem suscitado inúmeras contribuições à História. O enfoque adotado envolve ainda, questões ligadas à **memória** - enquanto reconstrução da identidade das duas professoras -, particularmente, no que se refere à “escrita de si” de Ana Aurora e Malvina.

Nossa proposta de trabalho tem como ponto de partida a perspectiva de análise da micro-história. Giovanni Levi (1992) a define como uma prática historiográfica baseada na

¹ Este texto é parte das discussões teórico-metodológicas que desenvolvo no estágio inicial do meu projeto de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação de História da UFRGS, sob orientação do Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt.

² Ver DIAS, Carlos Gilberto Pereira. “Um olhar sobre o livro ‘Nas Margens’ de Natalie Zemon Davis: Em busca de uma reflexão a partir do gênero biográfico”. In: *Histórica*, n. 5. Porto Alegre: APGH/PUCRS, 2001.

redução de escala de observação. Entretanto, esta prática metodológica não se restringe apenas ao estudo da comunidade ou do grupo, mas atinge a própria vivência individual, pois, “[...] a indagação microhistórica remete desse modo diretamente à biografia, e vice-versa.” (LIMA FILHO, 1993, p. 3). Nesse sentido, Levi ainda acrescenta: “[...] a biografia é por isso mesmo o campo ideal para verificar o caráter intersticial [...] da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições.” (LEVI, 1996, p. 180).

Pensamos que a pesquisa biográfica é o espaço por excelência da compreensão dos limites da liberdade do sujeito individual, das ambigüidades das regras sociais, e, principalmente, porque “[...] a biografia oferece, melhor que outros gêneros históricos, a possibilidade de explorar os recursos da escritura histórica.” (LE GOFF, 1989, p. 53, tradução nossa)³.

Nesse sentido, a noção de *campo de possibilidades* apontada por Carlo Ginzburg (1989) evita que a dimensão determinista enclausure trajetórias, nos fazendo refletir sobre as margens de atuação de Ana Aurora e Malvina. Em outras palavras, estas mulheres experimentam a “tensão” no *campo de possibilidades* da época, a partir de suas escolhas, de seus *projetos*. A historiadora Rachel Soihet, amparada na obra de Simone de Beauvoir (1980) argumenta “[...] que a mulher, ao viver em função do outro, **não tem projeto de vida própria** [...]” (1997, p. 278). (grifo nosso).

Esta compreensão se traduz em outra noção problemática: a de que as mulheres não tinham história e, portanto, não tinham até então um *projeto* de vida próprio. Em que sentido a ausência de um projeto de vida é perceptível nas trajetórias de Ana Aurora e Malvina?

Para Gilberto Velho, as noções de *projeto* e *campo de possibilidades*, podem ser analisadas numa clivagem complementar, revelando uma perspectiva também presente nos indícios sobre as duas professoras.

[...] evitando um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sociocultural rígido, as noções de projeto e campo de possibilidades podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades. (VELHO, 1994, p. 40).

Acreditamos que os *projetos* de Ana Aurora e Malvina revelam uma margem de “emancipação” reservada ao “recôndito feminino” de sua época, ou seja, “[...] os *projetos*

³ La Biographie lui offre, mieux que d’autres genres historiques, la possibilité d’exploiter les ressources de l’écriture historique.

individuais sempre interagem com outros dentro de um *campo de possibilidades*.” (1994, p. 46). Por outro lado, levantamos outra hipótese sobre a potencialidade destes *projetos* no transcorrer de suas vidas: em que sentido a prática educacional conduz suas vivências para as mudanças que serviram de inspiração ao longo de suas trajetórias? Afinal, “[...] os *projetos*, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus *projetos*. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente”. (VELHO, 1994, p. 48).

Compreender os itinerários de Ana Aurora e Malvina, encontrando naquele contexto possibilidades de atuação, não implica necessariamente, em aprisioná-las neste cenário⁴. Como nos diz Sabina Loriga, devemos “[...] conceber o singular como um elemento de tensão: o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado”. (1998, p. 249).

Portanto, a dimensão de suas vidas, ou seja, a apreensão que nos propomos neste estudo, implica necessariamente em entender que “[...] a vida não se reduz aos papéis sociais que são desempenhados no dia-a-dia. Cada indivíduo é bem mais que isso: parte de uma vida mais longa, é um elo na cadeia de uma história que o contém e lhe dá transcendência [...]”. (BARROS, 1989, p. 41).

Nosso fio-condutor nesta “apreensão” de alguns aspectos de seus itinerários, nos leva a refletir sobre questões teórico-metodológicas que se referem a “escrita de si”⁵ de ambas. Tanto as cartas e os textos escritos por Ana Aurora quanto o diário de Malvina, enquadram-se no que poderíamos chamar de “escrita de si”. Naturalmente que as intenções e as representações entre uma carta, um texto ou um diário são diversas. Porém, é a partir desta “produção de si” que buscamos indícios para compreender aspectos importantes de suas vidas.

No caso de ambas as professoras, o “arquivamento do eu”⁶ ocorre de maneira irregular, ou seja, levantamos a hipótese de que não houve a constituição de um arquivo

⁴ “[...] utilizar o eu para romper o excesso de coerência do discurso histórico, ou seja, para se interrogar não apenas sobre o que foi, sobre o que aconteceu, mas também sobre as incertezas do passado e as possibilidades perdidas” (LORIGA, 1998, p. 246-247).

⁵ Historicamente, o hábito da “escrita de si” ganha notoriedade no século XVIII, o período significativo em que “[...] indivíduos ‘comuns’ passaram a produzir, deliberadamente, uma memória de si”. (GOMES, 2004, p. 11).

⁶ Utilizamos aqui a noção de Phillipe Artières, quando diz que o indivíduo mantém suas “lembranças” “[...] para ver sua identidade reconhecida. Devemos controlar nossas vidas; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro e, sobretudo, para existir no presente (1998, p. 14). Outro é o sentido que Priscila Fraiz utiliza quando se refere à arquivos pessoais, particularmente, ao arquivo pessoal de Gustavo Capanema. Diz ela: “Quando ordenamos, classificamos, estamos produzindo um sentido para nossa vida. [Gustavo Capanema] reconstrói minuciosamente seu arquivo pessoal, servindo para construir a identidade de Capanema, como ele elaborava uma autoconstrução moral de homem público” (1998, p. 52).

pessoal voluntário. A “escrita de si” dessas duas mulheres, ainda que constante, se mostra dispersa no tempo. Nesta perspectiva é fundamental perceber que:

As práticas de escrita de si podem evidenciar [...] com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão [por outro lado] os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas (GOMES, 2004, p. 13).

O diário de Malvina obedece à estrutura “impessoal” em que os registros (nascimento, morte, etc.) ou toda a contabilidade familiar estava apontada rigorosamente. Nestas anotações pouco se revela sobre sua intimidade. A subjetividade de Malvina praticamente está desaparecida daquelas páginas amareladas que contam sua vida, ou pelo menos, parte dela! O diário desta professora parece cumprir uma função prática: controlar sua vida familiar. A “escrita de si” de Malvina foi construída aos poucos, no ritmo de uma vida, entre 1891 e 1939, ou seja, “[...] ao escrevê-lo, cria uma história para si. Ao inscrever o presente entre o passado e o futuro, ela estrutura sua vida. O presente é o que menos aparece, transformando-se imediatamente em passado e objeto de referência.” (MARTIN-FUGIER, 2003, p. 195). Neste sentido, até que ponto o diário representa a vida de Malvina? Além disso, em que medida houve uma preocupação em sistematizar esse tempo que passa?

A história que aprendemos com estas mulheres, se faz a partir de palavras ditas na privacidade, que se transformaram em texto escritos – em diários, como no caso de Malvina ou em cartas, no caso de Ana Aurora. Estas mulheres fizeram de suas anotações o retrato de suas vidas, ou melhor, “construíram” a imagem de si a ser perpetuada, pois “[...] narrar-se não é diferente de inventar-se uma vida.” (CALLIGARIS, 1998, p. 49)⁷.

Porém, pensamos que suas memórias inserem-se não apenas na ruptura que poderiam dar as suas vidas, mas como uma necessidade de marcar o tempo que passa, ou mesmo, de resistir ao fulgor vulnerável da vida, como dissera Gabrielle Brune-Sieler nos idos da década de 1930: “escrever é minha única defesa.” (BORGES, 2004, p. 298).

Nesse sentido, poderíamos nos perguntar: o que essas duas mulheres desejavam preservar no relicário de suas memórias e, por outro lado, o que teriam mantido em segredo?

No repouso da velhice, o tema da ausência e das perdas afetivas são melancolicamente evidenciadas por Ana Aurora e Malvina. Os registros do tempo que passa é cada vez mais restrito, afinal, o futuro retrai-se. Quando Simone de Beauvoir nos ensina que é

⁷ Ver DELGADO, Andréia Ferreira. A Rede de Memórias e a invenção de Cora Coralina. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *O Biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 131-178.

preciso ter atingido a velhice para compreender o sentido retumbante da vida (1990) nos perguntamos em que perspectiva a velhice foi o “tempo da memória”⁸ de Ana Aurora e Malvina?

Se na “escrita de si” revelam-se aspectos pouco expressivos de suas intimidades, é de pensarmos também no que Michael Pollak chamou de “não-dito”. Para este autor, a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável é tênue e, portanto, pode ser constitutivo das anotações de Ana Aurora e Malvina⁹.

Ana Aurora revela a amargura e a dor vivenciada pela perda de suas duas queridas irmãs Carlota e, principalmente, Zamira. Malvina anota cuidadosamente em seu diário a perda de cada ente querido, a partida dos filhos e gradativamente em seus devaneios demonstra o quanto vai sendo consumida pela solidão: “A ausência é o mais terrível sacrifício para um coração que ama”¹⁰. O medo da velhice e da solidão se faz presente no final da vida de Malvina Tavares: “Saudade é um sentimento amargo que experimentamos pela ausência de uma pessoa amiga, é filha da amizade sincera e das recordações dos tempos idos”¹¹. A saudade, a ausência dos entes queridos, as impele a experimentar melancolicamente o tempo que passa.

* * *

A expressão “recôndito feminino” demonstra o paralelismo diferenciado entre os papéis experimentados entre homens e mulheres ao longo da história, o que via de regra Ana Aurora e Malvina vivenciam no período delimitado neste estudo, ou seja, um refreamento no *campo de possibilidades* de suas atuações. Porém, isso não implicaria necessariamente em dizer que as mulheres estavam circunscritas à esfera doméstica apenas, mas é justamente nesta “resistência” que ampliam e realizam seus *projetos*.

A maneira que as diferenças entre mulheres e homens assumem nas diversas sociedades no transcorrer da história configura-se em geral como “gênero”, ou seja, parece haver um consenso em que as características de gênero são construções sócio-culturais que

⁸ Para Henry Rousso, o atributo mais imediato da memória é “[...] garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao “tempo que muda”, às rupturas que são o destino de toda vida humana.” (p. 1996, p. 94).

⁹ “[...] existem nas lembranças de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento [...] É aí que intervém, com todo o poder, o discurso interior, o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior.” (POLLAK, 1989, p. 8).

¹⁰ Diário de Malvina Tavares. p. 50.

¹¹ Idem, p. 51.

variam através da história e se referem aos papéis psicológicos e culturais que a sociedade atribui a homens e mulheres.

O texto antológico de Joan Scott¹² tem despertado inúmeras reflexões sobre o uso do termo “gênero” na historiografia. Para a autora, a definição de “gênero” tem duas partes, que embora se interrelacionem devem ser analiticamente diferenciados “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos [e, por outro lado] é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1995, p. 86).

Essa parece ser a leitura de Guacira Lopes Louro que avalia o impacto do texto de Joan Scott na literatura sobre o assunto e acredita que desde então,

[...] a grande ‘virada’ teórica que nos foi proposta foi a passagem de uma história das mulheres para uma história das relações de gênero [...] Essa nova perspectiva é importante não apenas porque nos permite perceber melhor os sujeitos excluídos (as mulheres, no caso) e olhar de outros modos aqueles que eram o objeto central de estudos, mas, principalmente, porque nos direciona para as relações, as práticas e as disputas de poder em que eles se envolvem. (LOURO, 1995, p. 126).

Nesta desigual relação de força entre o “gênero” masculino e feminino, cabem as provocações suscitadas por Simone de Beauvoir: “[...] como realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? Que circunstâncias restringem a liberdade da mulher, e quais pode ela superar?” (1980, p. 23).

Essa discussão permeia nosso estudo e nos instiga a compreender como a “construção social” das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres são incorporadas historicamente, afinal, compartilhamos a noção de que as práticas cotidianas de Ana Aurora e Malvina são tensas na medida em que experimentam através da sala de aula um *campo de possibilidades* incomum para a época, ainda que esta resistência esteja ancorada em outras “vozes” no recôndito feminino de seu tempo.

Fontes Primárias

Diário de Júlia Malvina Hailliot Tavares, 1891-1939 (cópia)
Correspondências de Ana Aurora do Amaral Lisboa, (Arquivo Histórico de Rio Pardo-RS)

Referências Bibliográficas

¹² A utilização mais recente do termo “gênero” fez sua aparição inicial entre as feministas norte-americanas, [...] que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo [pois] a palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual” (SCOTT, 1995, p. 72).

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 11, n. 21, 1998. p. 09-34.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 2, n. 3, 1989. p. 29-42.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (Res) Sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. UNICAMP, 2004. p. 287-312.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Lembranças de Velhos. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. v. 11, n. 21, 1998. p. 43-58.

DAVIS, Natalie Zemon. *Nas Margens*. Três mulheres do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DIAS, Carlos Gilberto Pereira. “Em busca de si: A história pelo viés biográfico”. In: BONAMIGO, Antonio Carlos et al. *História: Construção de Múltiplas Interfaces*. Francisco Beltrão: Grafisul, 2006. p. 27-44.

_____. “Um olhar sobre o livro ‘Nas Margens’ de Natalie Zemon Davis: Em busca de uma reflexão a partir do gênero biográfico”. In: *Histórica*, n. 5. Porto Alegre: APGH/PUCRS, 2001. p. 103-110.

_____. *Antonio Chimango no limiar da velhice*. Apontamentos sobre a trajetória política de Borges de Medeiros: 1930-1934. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, 2001.

FRAIZ, Priscila. “A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 11, n. 21, 1998. p.59-87.

GINZBURG, Carlo. Provas e Possibilidades à Margem de ‘Il Ritorno de Martin Guerre’, de Natalie Zemon Davis. In: *A Micro-História e Outros Ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

GOMES, Ângela de Castro (Org.) *Escrita de si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

LACERDA, Lílian M. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena; CUNHA, Maria Teresa (Orgs.). *Refúgios do Eu: Educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 81-108.

LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?. In: *Le Debat*, n. 54, mar/abr, 1989. p.

LEAL, Elisabete. O Positivismo e os Prazeres da Educação Feminina. In: GRAEBIN, Cleusa Maria G.; LEAL, Elisabete (Orgs.) **Revisitando o Positivismo**. Canoas: La Salle, 1995. p. 149-157

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 48-53.

_____. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História*. Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1991.

LIMA Fº, Henrique Espada R. Biografia e Microstoria: o uso da biografia na historiografia italiana contemporânea. In: *Cadernos*. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA, Belém, v. 12, n. 1/2, jan./dez., 1993. p. 01-11.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 443-481.

_____. Gênero, História e Educação: Construção e Desconstrução. In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, jul./dez. 1995.

MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da Vida Privada*. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. 9ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 2, n. 3, 1989. p. 03-15.

ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 93-101.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.

_____. (Org.). *O Biográfico*. Perspectivas Interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 297-311.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade*. Uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.